

A MALDADE EM TRAGÉDIAS DE SHAKESPEARE (TITO ANDRÔNICO, RICARDO III E MACBETH)

SUMÁRIO

**I – TITO ANDRÔNICO: O PERSONAGEM O PRAZER AARÃO:
DO MAL PELO MAL; “O BANHO DE SANGUE”, “A FÚRIA
ASSASSINA”**

**II – RICARDO III: A GRANDE PERVERSIDADE DO LOUCO
MORAL EM RAZÃO DE SUA DEFORMIDADE FÍSICA**

III – MACBETH: A MALDADE PARA O PODER E A GLÓRIA

ALGUMAS FRASES

- 1 – Apóstolo São Paulo: "Não faço o que quero porém faço o que não quero"
- 2 – Karl Kraus: "O diabo é um otimista que pensa que pode fazer as pessoas piores do que são".
- 3 – Oscar Wilde: "Dentro de nós, todos temos o céu e o inferno".
- 4 – Autor desconhecido: "O diabo que existe em nós precisa ser combatido com água-benta".
- 5 – Provérbio francês: "A mãe dos idiotas está sempre grávida".
- 6 – William Shakespeare: "Choramos ao nascer porque chegamos a este imenso cenário de dementes".
- 7 – William Shakespeare: "A vida é uma história contada por um idiota cheia de som e de fúria significando nada" (personagem Macbeth, tragédia de Shakespeare).
- 8 – Nicolas de Chamfort: "Todas as paixões são exageradas. Se não fossem exageradas, não seriam paixões".
- 9 – Eugène Delacroix: "O homem é um animal social que detesta os seus semelhantes".
- 10 – "Só o mal pode o mal fazer crescer" (personagem Macbeth, tragédia de Shakespeare)
- 11 – "É só mandar na frente o embaixador dinheiro que as portas serão abertas" (Shakespeare, na Comédia "As Alegres Comadres de Windsor").
Frase que se aplica corretamente ao mundo de hoje.
- 12 – "O tecido de nossa vida é um tecido misto, o bem e o mal estão entrelaçados" (Shakespeare, Drama "Tudo está bem quando acaba bem").
- 13 – Existe a maldade extrema porém existe também a bondade infinita.

SOBRE AS TRAGÉDIAS TITO ANDRÔNICO, RICARDO III E MACBETH

1 – Numa análise geral podemos afirmar que as tragédias Tito Andrônico, Ricardo III e Macbeth constituem a denominada "metafísica do mal", com os seus personagens demonstrando uma total ausência do bem e domínio do mal, revelando profundamente a perversidade que pode existir na natureza humana, desnudando a alma dos personagens. Tito Andrônico foi a primeira tragédia escrita por Shakespeare em 1592 e nela a expressão "banho de sangue" deixa de ser uma simples expressão.

2 – Em nosso entendimento, são todos personagens malditos pois não têm consciência, não têm um juízo interior a julgá-los, uma razão ou uma virtude a dominá-los, a controlá-los, podem ser qualificados como doentios, como se fossem monstros, acima de qualquer limite do que pode ser qualificado como humano, são as paixões humanas descritas ou expostas genialmente por Shakespeare como um profundo conhecedor do que pode existir de desvio, de anormalidade de vício, de pecado, de crime, mais do que de virtude, de bem, na alma humana.

Ou seja, afinal: revelam o prazer da prática do mal pelo mal, com desconhecimento do bem, como se fosse algo inerente a natureza humana, o que não é verdade pois na mesma em plano superior e sempre mais vitorioso existem a bondade e a própria dignidade humana.

3 – Shakespeare não criou o idioma inglês (foi Chaucer Geoffrey, (1340-1400) em 1387 com "os Contos de Canterbury") porém criou cerca de 1.800 neologismos enriquecendo o idioma inglês. Já o idioma italiano nasceu propriamente com a "Divina Comédia" de Dante Alighieri (1265-1321).

SOBRE A TRAGÉDIA TITO ANDRÔNICO

1 – Em síntese sobre o enredo da tragédia Tito Andrônico, o mesmo era um general romano de muitas vitórias nas batalhas, durante muitos anos e após ter derrotado a tribo bárbara dos Godos, quando perdeu vários filhos nas batalhas, ao retornar a Roma o povo queria que fosse Imperador o que recusou e mesmo assim tendo sido eleito indica o seu sobrinho Saturnino para ser o Imperador. Tal fato causou revolta em Bessiano, irmão mais novo que desejava ser o Imperador, o qual ameaça Tito de fazer justiça pelas próprias mãos. Saturnino não podendo casar-se com Lavinia, a filha de Tito, casa-se com Tamora, a Rainha dos Godos que era escrava prisioneira de Tito e torna-se Imperatriz de Roma e busca vingar-se de Tito que matara o seu filho e junto com o seu amante Aarão em tão plano de vingança ocorre o estupro de Lavinia (a filha de Tito), seguido de sua mutilação pelo corte das mãos e da língua o que é feito pelos outros filhos de Tamora que são Demétrio e Quirão. Entretanto o perverso Aarão acusa os filhos de Tito como seus autores e também pelo homicídio de Bessiano, os quais são executados mesmo tendo Tito cortado a própria mão para salvar os filhos e tendo feito um apelo dramático ao tribunal lembrando toda a sua vida dedicada a lutar por Roma e os vários filhos que perdera nas guerras. Tito fica revoltado ao receber a mão de volta juntamente com as cabeças dos dois filhos. Em um ato de grande dramaticidade na tragédia, Lavinia, mutilada, sem língua e sem mãos, consegue escrever no solo os nomes dos verdadeiros culpados pelos crimes e Tito parte para a vingança e o seu filho Lúcio consegue com as suas tropas prender o mouro Aarão (que planejara tudo, as mortes e o estupro), o qual tudo confessa e revela a sua perversidade no texto já citado sendo executado. Ao final da peça, em sua fúria assassina ou terrível vingança, Tito mata os filhos de Tamora, toca fogo nos mesmos e vem a "cozinhá-los" e como alimento é servido a Rainha Tamora que ignorando isso, reage violentamente ao saber do fato porém é assassinada por Tito o qual anteriormente no banquete de canibalismo citado mata a própria filha Lavinia para poupá-la da dor e da humilhação por ter sido violada. Continuando no banho de sangue, Tito é morto pelo Imperador Saturnino o qual por sua vez é assassinado por Lúcio filho de Tito e este depois de toda chacina torna-se Imperador de Roma.

TITO ANDRÔNICO, TRAGÉDIA DE SHAKESPEARE
(WILLIAM, 1564-1616), PERSONAGEM AARON, NO ATO 5,
CENA 1

LUCIUS: “E NÃO LAMENTA ESSES FEITOS HORRENDOS?”

AARON “Só não ter feito mais uns outros mil,
Inda maldigo o dia – porém penso
Que poucos cabem nessa maldição –
Em que não tenha feito um mal notório:
Matar alguém, ou planejar sua morte;
Violar uma moça ou pensar em fazê-lo;
Acusar um inocente, perjurar-me;
Trazer inimizade a dois amigos;
Matar o gado de quem já é pobre;
Por fogo, à noite, em feno e em celeiros
Mandando o dono apagá-lo com o pranto,
Muitas vezes tirei mortos da cova
Para encostá-los nas portas de amigos
Que começaram a esquecer da dor,
E em suas peles, como em tronco de árvore,
Com minha faca escrevia, claro em romano
Estou morto, mas não morra a sua dor.
Enfim, eu fiz mil coisas que apavoram”
Personagem Aaron, Ato 5, Cena 1
“Com calma igual à de quem mata mosca, e nada fere mais o meu
coração o não poder ter feito mais de mil.
Se há demos, eu queria bem ser um para viver e queimar no fogo
eterno.”

ATO 5, CENA 3

AARON Antes de ser morto, enterrado vivo por ordem do Imperador Lucius,
“Não sou criança” para com preces baixas. Dever me arrepender do mal
que fiz.
Dez mil piores que qualquer um deles eu faria. Se fosse por vontade. Se
alguma boa ação eu fiz na vida, com toda a alma me arrependo dela.”

Obs.: Tragédia (a 1ª Escrita por Shakespeare em 1594?) em 1589? é um
verdadeiro “**Banho de Sangue**”, “**fúria assassina**”. Com cenas de
canibalismo, decapitação, estupro, homicídios, etc. etc. E muitas vezes,
em Londres, colocou-se ambulância na porta do teatro para atender aos
espectadores que passavam mal com as cenas sangrentas de horror.

A FICÇÃO LITERÁRIA E A REALIDADE DA VIDA

1 – Afirma-se que a vida imita a arte, ou ao invés, que a arte imita a vida, é um seu reflexo, existe uma união de ambas na nossa compreensão, não são inconciliáveis, são irmãs siamesas.

2 – Especificamente, podemos unir a ficção literária e a realidade da vida, com a primeira, em genial intuição, ao ter como objeto a natureza humana principalmente ao expor a sua maldade, os seus vícios, pecados e crimes em personagens que se tornaram imortais e modelos de comportamentos desumanos, criminosos. Tal intuição antecipou, em séculos, as análises científicas da Psicologia, da Psiquiatria e da Criminologia do século 19 e também a sua formulação jurídica da conduta humana a partir do citado século, como outra tese nossa. Assim, em relação a seu aspecto real, positivo com os denominados criminosos canibais, os assassinos em série e os homicidas sádicos sexuais reincidentes que são exemplos vivos dos personagens terríveis da ficção literária.

3 – Na área da ficção literária, entendemos que podemos traçar uma linha contínua, uma trajetória progressiva que pode unir, relacionar os autores em seu início desde os 3 (três) grandes trágicos gregos (Ésquilo, Sófocles e Eurípedes) de 400 a 500 anos antes de Cristo até a Idade Média com Dante Alighieri (1265-1321), nos séculos 16 e 17 com William Shakespeare (1564-1616) e, no século 19 com Fiodor Dostoievski (1821-1881), e também a obra literária do Marquês de Sade, no século 18, com seus personagens como degenerados sexuais. Ficção literária unida ao expor a natureza ou a conduta humana mais em suas maldades que em suas virtudes ou em sua bondade, os aspectos sombrios da alma humana mais que os felizes ou nobres.

Personagens como Aaron (da Tragédia "Tito Andrônico" de Shakespeare). Ricardo III, Macbeth (também de Shakespeare), Medeia, Raskolnikov etc., etc., são exemplos bem expressivos, incontestáveis desta nossa tese ou interpretação.

Já no plano da realidade da vida indicamos criminosos como Jack o estripador (Inglaterra), Jeffrey Dahmer (Estados Unidos, "ele não tinha consciência"), Chikatilo (Rússia, "fui um erro da natureza, devo ser executado"), Alexander Pichushqin (Ucrânia, "uma vida sem matar é como uma vida sem alimentar-se"), o casal West (da Inglaterra, "um cemitério em casa com as suas vítimas"), o "Chico Picadinho", no Rio, vítima esquartejada na mala, etc., etc.

4 – Em polo oposto, ao contrário, em nossa tese, indicamos a bondade da natureza humana que se encontra também na realidade da vida e na ficção literária, com a vitória da virtude sobre as paixões criminosas da alma.

Assim, na realidade citamos como exemplos inegáveis as vidas de São Francisco de Assis, de São Vicente de Paulo, de Madre Teresa de Calcutá, e da Santa (agora reconhecida em maio) irmã Dulce de Salvador, pois em tais santos o amor e a caridade com o próximo seguindo o Mandamento de Nosso Senhor Jesus Cristo foram os seus ideais e as suas obras.

A tal respeito, já no aspecto da ficção literária dos valores morais predominantes, citamos os escritores franceses dos séculos 16 e 17 dito "moralistas" como Montaigne, La Bruyère, La Rochefoucauld, Pascal e o grande dramaturgo Pierre Corneille (1606-1684), em cujos pensamentos, máximas, ensaios e cenas teatrais a virtude, o dever ou os valores morais deveriam ser as características do ser ou da conduta humana.

Acima de tudo em nossa compreensão, o verso final da "Divina Comédia" de Dante: "O amor é que move o sol e as estrelas".

Personagens como Aaron (da Tragédia "Tito Andrônico" de Shakespeare). Ricardo III, Macbeth (também de Shakespeare), Medeia, Raskolnikov etc., etc., são exemplos bem expressivos, incontestáveis desta nossa tese ou interpretação.

Já no plano da realidade da vida indicamos criminosos como Jack o estripador (Inglaterra), Jeffrey Dahmer (Estados Unidos, "ele não tinha consciência"), Chikatilo (Rússia, "fui um erro da natureza, devo ser executado"), Alexander Pichushqin (Ucrânia, "uma vida sem matar é como uma vida sem alimentar-se"), o casal West (da Inglaterra, "um cemitério em casa com as suas vítimas"), o "Chico Picadinho", no Rio, vítima esquartejada na mala, etc., etc.

4 – Em polo oposto, ao contrário, em nossa tese, indicamos a bondade da natureza humana que se encontra também na realidade da vida e na ficção literária, com a vitória da virtude sobre as paixões criminosas da alma.

Assim, na realidade citamos como exemplos inegáveis as vidas de São Francisco de Assis, de São Vicente de Paulo, de Madre Teresa de Calcutá, e da Santa (agora reconhecida em maio) irmã Dulce de Salvador, pois em tais santos o amor e a caridade com o próximo seguindo o Mandamento de Nosso Senhor Jesus Cristo foram os seus ideais e as suas obras.

A tal respeito, já no aspecto da ficção literária dos valores morais predominantes, citamos os escritores franceses dos séculos 16 e 17 dito "moralistas" como Montaigne, La Bruyère, La Rochefoucauld, Pascal e o grande dramaturgo Pierre Corneille (1606-1684), em cujos pensamentos, máximas, ensaios e cenas teatrais a virtude, o dever ou os valores morais deveriam ser as características do ser ou da conduta humana.

Acima de tudo em nossa compreensão, o verso final da "Divina Comédia" de Dante: "O amor é que move o sol e as estrelas".

Personagens como Aaron (da Tragédia "Tito Andrônico" de Shakespeare). Ricardo III, Macbeth (também de Shakespeare), Medeia, Raskolnikov etc., etc., são exemplos bem expressivos, incontestáveis desta nossa tese ou interpretação.

Já no plano da realidade da vida indicamos criminosos como Jack o estripador (Inglaterra), Jeffrey Dahmer (Estados Unidos, "ele não tinha consciência"), Chikatilo (Rússia, "fui um erro da natureza, devo ser executado"), Alexander Pichushqin (Ucrânia, "uma vida sem matar é como uma vida sem alimentar-se"), o casal West (da Inglaterra, "um cemitério em casa com as suas vítimas"), o "Chico Picadinho", no Rio, vítima esquartejada na mala, etc., etc.

4 – Em polo oposto, ao contrário, em nossa tese, indicamos a bondade da natureza humana que se encontra também na realidade da vida e na ficção literária, com a vitória da virtude sobre as paixões criminosas da alma.

Assim, na realidade citamos como exemplos inegáveis as vidas de São Francisco de Assis, de São Vicente de Paulo, de Madre Teresa de Calcutá, e da Santa (agora reconhecida em maio) irmã Dulce de Salvador, pois em tais santos o amor e a caridade com o próximo seguindo o Mandamento de Nosso Senhor Jesus Cristo foram os seus ideais e as suas obras.

A tal respeito, já no aspecto da ficção literária dos valores morais predominantes, citamos os escritores franceses dos séculos 16 e 17 dito "moralistas" como Montaigne, La Bruyère, La Rochefoucauld, Pascal e o grande dramaturgo Pierre Corneille (1606-1684), em cujos pensamentos, máximas, ensaios e cenas teatrais a virtude, o dever ou os valores morais deveriam ser as características do ser ou da conduta humana.

Acima de tudo em nossa compreensão, o verso final da "Divina Comédia" de Dante: "O amor é que move o sol e as estrelas".

SOBRE AS TRAGÉDIAS GREGAS

1 – O vocábulo origina-se de "tragoidia", (literalmente "canto do bode"), e nasceu nas festas das colheitas em homenagem a Dioniso, o deus do vinho e do teatro e o poeta Téspis é considerado o fundador da tragédia por ter acrescentado, no século VI a.C. fala ao canto do "ditirambo" (poema cantado e dançado por um coro em homenagem a um deus ou a um herói da mitologia grega).

2 – Associa-se a tragédia às expressões "banho de sangue", "fúria assassina", "um festival de cadáveres" disse um escritor francês (Livro de Deforge, ed. 1997, Paris).

3 – Os grandes trágicos gregos – Ésquilo, Sófocles e Eurípedes – no século V a.C. escreveram dezenas de tragédias porém, infelizmente só foram conservadas 7 (sete) de Ésquilo, 7 de Sófocles e 10 de Eurípedes, e muitas vezes os três disputaram concursos de poesias em Atenas.

As tragédias podem ser consideradas como obra fundamentais de nossa civilização ocidental, de nossa cultura, a partir da cidade de Atenas, berço da democracia, ao lado da filosofia de Aristóteles, Platão e Sócrates. Mais de 2 mil anos após as tragédias continuam a ser encenadas, são imortais pois têm a natureza humana em toda a sua complexidade, em todos os seus mistérios, virtudes, vícios e pecados com a sua motivação maior.

4 – Personagens como Medeia, Édipo, Electra, Antígona, etc., continuam a fascinar, a ocasionar terror e emoção (as finalidades principais das tragédias) ao lado de sua beleza estética onde poesia e

música estão unidas, com os seus dramas cada vez mais atuais quando o homem continua ser "a medida de todas as coisas" mesmo em toda a sua extrema maldade, tudo cantado em beleza de estrofes líricas e que impressionam até hoje, plenas de violência, caos e angústia.

Mais do que dramaturgos, Ésquilo, Sófocles e Eurípedes podem ser considerados "poetas trágicos", com as suas peças escritas em versos de excepcional beleza literária.

5 – Além da natureza humana como o seu tema principal, as tragédias também contêm problemas religiosos, de mitologia e políticos como a imagem fiel da vida sobretudo em Atenas no século V a.C., que foi o século de ouro da cultura grega.

6 – Analisemos em síntese algumas tragédias: a) A **Oresteia** é a única trilogia conservada de Ésquilo pois abrange "Agamenon, As Coéforas e As Eumenides", uma extraordinária obra-prima. É um extraordinário drama no qual Agamenon, rei grego vencedor de Troia, a regressar, é assassinado por sua esposa, a terrível personagem Clitemnestra com o auxílio de seu amante Egisto, apunhalando-o durante o seu banho e ensanguentada com sarcasmo conta ao Coro (personagem importante nas tragédias gregas) o seu crime e ela mata também Cassandra, filha do Rei de Troia (Priamo) e escrava do Rei Agamenon que a trouxera no seu regresso. Anos depois, Clitemnestra (que se tornara rainha) e Egisto são mortos por Orestes, filho de Agamenon, e Electra, sua irmã como vingança. Tal episódio da vingança é objetivo também das tragédias de Sófocles ("Electra") e de Eurípedes ("Electra"), porém como distinção existe em ambas uma violenta discussão entre Electra e a sua mãe Clitemnestra antes de Electra matá-la junto com o irmão Orestes.

música estão unidas, com os seus dramas cada vez mais atuais quando o homem continua ser "a medida de todas as coisas" mesmo em toda a sua extrema maldade, tudo cantado em beleza de estrofes líricas e que impressionam até hoje, plenas de violência, caos e angústia.

Mais do que dramaturgos, Ésquilo, Sófocles e Eurípedes podem ser considerados "poetas trágicos", com as suas peças escritas em versos de excepcional beleza literária.

5 – Além da natureza humana como o seu tema principal, as tragédias também contêm problemas religiosos, de mitologia e políticos como a imagem fiel da vida sobretudo em Atenas no século V a.C., que foi o século de ouro da cultura grega.

6 – Analisemos em síntese algumas tragédias: a) A **Oresteia** é a única trilogia conservada de Ésquilo pois abrange "Agamenon, As Coéforas e As Eumenides", uma extraordinária obra-prima. É um extraordinário drama no qual Agamenon, rei grego vencedor de Troia, a regressar, é assassinado por sua esposa, a terrível personagem Clitemnestra com o auxílio de seu amante Egisto, apunhalando-o durante o seu banho e ensanguentada com sarcasmo conta ao Coro (personagem importante nas tragédias gregas) o seu crime e ela mata também Cassandra, filha do Rei de Troia (Priamo) e escrava do Rei Agamenon que a trouxera no seu regresso. Anos depois, Clitemnestra (que se tornara rainha) e Egisto são mortos por Orestes, filho de Agamenon, e Electra, sua irmã como vingança. Tal episódio da vingança é objetivo também das tragédias de Sófocles ("Electra") e de Eurípedes ("Electra"), porém como distinção existe em ambas uma violenta discussão entre Electra e a sua mãe Clitemnestra antes de Electra matá-la junto com o irmão Orestes.

b) Em síntese sobre a tragédia Medeia de Eurípedes, representada pela primeira vez no ano de 431 a.C.: Medeia tinha salvo a vida de Jasão, seu esposo, porém depois foi abandonada por ele para casar-se com Glauce, a filha de Creonte, Rei de Corinto, o qual ordenou a sua expulsão, o seu exílio de Corinto com os seus dois filhos e Medeia decide vingar-se, ficando como um símbolo da vingança sangrenta, terrível. Vinga-se do abandono matando os próprios filhos, depois de gritar de dor pela traição sofrida. Antes de matar os filhos Medeia mata Glauce ao enviar-lhe um véu e um diadema envenenados, o que causa também a morte do Rei Creonte ao tentar socorrer a filha. São impressionantes, sem dúvida, os versos de muita retórica em que Medeia lamenta a infelicidade das mulheres maltratadas, desprezadas pelos homens, como uma precursora do feminismo moderno, e, aliás, Jasão é considerado pelos críticos "o pior marido da literatura ocidental". Impressionam também os versos que expõem a sua longa hesitação em matar os filhos e o seu sofrimento quando se desperdice deles, não atendendo às súplicas do Coro para que desistisse de tal vingança cruel.

c) Esclareçamos que em relação a tragédia "Édipo Rei" de Sófocles, o mesmo sem dolo e sem culpa (para utilizarmos uma linguagem jurídica) casa-se com a mãe (Jocasta) e mata o pai (O Rei Laio), sem saber de tal condição. Quando tem conhecimento da verdade, Jocasta enforca-se e Édipo fura os próprios olhos e canta o seu destino cruel, a sua infelicidade. Aristóteles, em sua obra prima "Poética" diz que tal tragédia é "o modelo ideal da tragédia como gênero literário, seria a obra prima do teatro ocidental".

7 – Com a decadência da tragédia, ao final do século V, surge a comédia como gênero literário, cujo principal autor é Aristófanes, com 40

b) Em síntese sobre a tragédia Medeia de Eurípedes, representada pela primeira vez no ano de 431 a.C.: Medeia tinha salvo a vida de Jasão, seu esposo, porém depois foi abandonada por ele para casar-se com Glauce, a filha de Creonte, Rei de Corinto, o qual ordenou a sua expulsão, o seu exílio de Corinto com os seus dois filhos e Medeia decide vingar-se, ficando como um símbolo da vingança sangrenta, terrível. Vinga-se do abandono matando os próprios filhos, depois de gritar de dor pela traição sofrida. Antes de matar os filhos Medeia mata Glauce ao enviar-lhe um véu e um diadema envenenados, o que causa também a morte do Rei Creonte ao tentar socorrer a filha. São impressionantes, sem dúvida, os versos de muita retórica em que Medeia lamenta a infelicidade das mulheres maltratadas, desprezadas pelos homens, como uma precursora do feminismo moderno, e, aliás, Jasão é considerado pelos críticos "o pior marido da literatura ocidental". Impressionam também os versos que expõem a sua longa hesitação em matar os filhos e o seu sofrimento quando se desperdice deles, não atendendo às súplicas do Coro para que desistisse de tal vingança cruel.

c) Esclareçamos que em relação a tragédia "Édipo Rei" de Sófocles, o mesmo sem dolo e sem culpa (para utilizarmos uma linguagem jurídica) casa-se com a mãe (Jocasta) e mata o pai (O Rei Laio), sem saber de tal condição. Quando tem conhecimento da verdade, Jocasta enforca-se e Édipo fura os próprios olhos e canta o seu destino cruel, a sua infelicidade. Aristóteles, em sua obra prima "Poética" diz que tal tragédia é "o modelo ideal da tragédia como gênero literário, seria a obra prima do teatro ocidental".

7 – Com a decadência da tragédia, ao final do século V, surge a comédia como gênero literário, cujo principal autor é Aristófanes, com 40

(quarenta) comédias, apenas 11 (onze) foram preservadas, sendo as principais "As nuvens", "As rãs", "As vespas", "Um deus chamado dinheiro", etc., criticando a sociedade grega da época, inclusive a sua elite intelectual como o filósofo Sócrates, etc. Em nossa opinião, Aristófanes e Molière (século 17, na França) foram os maiores autores de comédias que satirizaram os costumes e a sociedade do seu tempo, embora Shakespeare (1564-1616) tenha também escrito muitas comédias porém entendemos que são inferiores às de Aristófanes e Molière. Entretanto, em relação às tragédias, existe a opinião predominante no sentido de que as de Shakespeare são superiores às gregas caso fosse possível estabelecer uma comparação entre elas, o que não consideramos nem justo e nem oportuno e muito difícil de ser apresentada tal avaliação de uma forma irretorquível.

(quarenta) comédias, apenas 11 (onze) foram preservadas, sendo as principais "As nuvens", "As rãs", "As vespas", "Um deus chamado dinheiro", etc., criticando a sociedade grega da época, inclusive a sua elite intelectual como o filósofo Sócrates, etc. Em nossa opinião, Aristófanes e Molière (século 17, na França) foram os maiores autores de comédias que satirizaram os costumes e a sociedade do seu tempo, embora Shakespeare (1564-1616) tenha também escrito muitas comédias porém entendemos que são inferiores às de Aristófanes e Molière. Entretanto, em relação às tragédias, existe a opinião predominante no sentido de que as de Shakespeare são superiores às gregas caso fosse possível estabelecer uma comparação entre elas, o que não consideramos nem justo e nem oportuno e muito difícil de ser apresentada tal avaliação de uma forma irretorquível.

SOBRE A “DIVINA COMÉDIA”, DE DANTE ALIGHIERI (1265-1321)

1 – A obra de Dante é dividida em três partes, “Inferno”, “Purgatório” e “Paraíso”. Sendo que a primeira parte o “Inferno” contém 34 (trinta e quatro) Cantos e destaquemos, logo o famoso verso na porta do “Inferno”: **“Ó vós que entraís, deixai toda a esperança”**. Ou seja: “quem entrar aqui deixai toda a sua esperança, nunca mais vai sair”.

Destaquemos também que ao final da sua obra prima da literatura universal, depois de expor todos os vícios, pecados, crimes dos seus personagens, Dante termina com o seu verso bem expressivo “o amor é que move o sol e as estrelas”.

2 – Indiquemos os Cantos em que estão situados os males da natureza humana em o “Inferno”: no Canto V: estão os luxuriosos, os pecadores carnavais, com o famoso episódio do flagrante adultério de Francesca da Rimini e Paolo Malatesta, seu cunhado, e os amantes são mortos através de um único golpe de espada que atinge os seus corpos e o poeta Dante ao ouvir, no “Inferno”, a história que Francesca lhe conta vem a desmaiar; no Canto 6: estão os gulosos; no Canto 7: encontram-se os avaros (os avarentos) e os pródigos, também os coléricos; no 8: os raivosos ou iracundos; no Canto 11: existe a usura, situam-se os agiotas; no 12: os violentos e as suas espécies contra o próximo; no 13: os suicidas; os dissipadores e os violentos contra as coisas; no Canto 14: os violentos contra Deus; no Canto 15: continuação dos violentos contra Deus e contra a natureza (os sodomitas), que existem também no Canto 16: a corrupção da cidade; no Canto 18: estão os fraudulentos (círculo 7º) os rufiões e sedutores e também os adutores ou bajuladores, os

fraudulentos de Florença, os simoníacos (os que negociam ou traficam com as coisas sagradas); no Canto 20: os adivinhos, feiticeiros, e nos 21 e 22, o círculo 8º, ainda os fraudulentos, os traficantes. No Canto 23: os hipócritas, os mentirosos e outra vez no Canto 24, círculo 8º os fraudulentos, os quais são personagens do Canto 19 ao 25, numa ampla compreensão da fraude ao continuar com os fraudulentos. Os corruptos estão no 8º fosso do 5º círculo com um castigo nada higiênico ...

Nos Cantos 26 e 27 encontram-se os conselheiros da fraude e nos Canto 28 e 29 os escandalosos, semeadores de escândalos e os que causam cisma ou divisões, tudo no círculo 8º; no Canto 30: os falsificadores de pessoas, de moedas e de palavras; no Canto 32: os traidores e os traidores dos parentes; no Canto 33: os traidores políticos e os traidores dos hóspedes (estão no círculo 9); no Canto 34: os traidores dos benfeitores (coloca Judas traidor de Jesus e Bruto, traidor de Júlio Cesar), tudo no círculo 9º (o inferno estava dividido em círculos), com um terrível rio de sangue à atravessá-los. Esclareçamos ainda que o círculo 8º abrange do Canto 18 ao Canto 30º, isto é 12 Cantos.

AS TRÊS TRAGÉDIAS DE SHAKESPEARE: TITO ANDRÔNICO, RICARDO III E MACBETH



TITO ANDRÔNICO: O personagem
Aarão: o prazer do mal pelo mal



RICARDO III: A grande perversidade
da loucura moral em razão da
deformidade física



MACBETH: O poder político e a glória
através da maldade

AS TRÊS TRAGÉDIAS DE SHAKESPEARE: TITO ANDRÔNICO, RICARDO III E MACBETH



TITO ANDRÔNICO: O personagem
Aarão: o prazer do mal pelo mal



RICARDO III: A grande perversidade
da loucura moral em razão da
deformidade física



MACBETH: O poder político e a glória
através da maldade

SOBRE AS TRAGÉDIAS TITO ANDRÔNICO, RICARDO III E MACBETH

1 – Numa análise geral podemos afirmar que as tragédias Tito Andrônico, Ricardo III e Macbeth constituem a denominada “metafísica do mal”, com os seus personagens demonstrando uma total ausência do bem e domínio do mal, revelando profundamente a perversidade que pode existir na natureza humana, desnudando a alma dos personagens. Tito Andrônico foi a primeira tragédia escrita por Shakespeare em 1592 e nela a expressão “banho de sangue” deixa de ser uma simples expressão para tornar-se uma realidade.

2 – Em nosso entendimento, são todos personagens malditos pois não têm consciência, não têm um juízo moral interior a julgá-los, uma razão ou uma virtude a dominá-los, a controlá-los, podem ser qualificados como doentios, como se fossem monstros, acima de qualquer limite do que pode ser qualificado como humano, são as paixões humanas descritas ou expostas genialmente por Shakespeare como um profundo conhecedor do que pode existir de desvio, de anormalidade de vício, de pecado, de crime, mais do que de virtude, de bem, na alma humana.

Ou seja, afinal: revelam o prazer da prática do mal pelo mal, com desconhecimento do bem, como se fosse algo inerente a natureza humana, o que não é verdade pois na mesma em plano superior e sempre mais vitorioso existem a bondade e a própria dignidade humana.

3 – Shakespeare não criou o idioma inglês (foi Chaucer Geoffrey, (1340-1400) em 1387 com “os Contos de Canterbury”) porém criou cerca de 1.800 neologismos enriquecendo o idioma inglês. Já o idioma italiano nasceu propriamente com a “Divina Comédia” de Dante Alighieri (1265-1321).

SOBRE A TRAGÉDIA TITO ANDRÔNICO

1 – Em síntese sobre o enredo da tragédia Tito Andrônico, o mesmo era um general romano de muitas vitórias nas batalhas, durante muitos anos e após ter derrotado a tribo bárbara dos Godos, quando perdeu vários filhos nas batalhas, ao retornar a Roma o povo queria que fosse Imperador o que recusou e mesmo assim tendo sido eleito indica o seu sobrinho Saturnino para ser o Imperador. Tal fato causou revolta em Bessiano, irmão mais novo que desejava ser o Imperador, o qual ameaça Tito de fazer justiça pelas próprias mãos. Saturnino não podendo casar-se com Lavínia, a filha de Tito, casa-se com Tamora, a Rainha dos Godos que era escrava prisioneira de Tito e torna-se Imperatriz de Roma e busca vingar-se de Tito que matara o seu filho e junto com o seu amante Aarão em tão plano de vingança ocorre o estupro de Lavínia (a filha de Tito), seguido de sua mutilação pelo corte das mãos e da língua o que é feito pelos outros filhos de Tamora que são Demétrio e Quirão. Entretanto o perverso Aarão acusa os filhos de Tito como seus autores e também pelo homicídio de Bessiano, os quais são executados mesmo tendo Tito cortado a própria mão para salvar os filhos e tendo feito um apelo dramático ao tribunal lembrando toda a sua vida dedicada a lutar por Roma e os vários filhos que perdera nas guerras. Tito fica revoltado ao receber a mão de volta juntamente com as cabeças dos dois filhos. Em um ato de grande dramaticidade na tragédia, Lavínia, mutilada, sem língua e sem mãos, consegue escrever no solo os nomes dos verdadeiros culpados pelos crimes e Tito parte para a vingança e o seu filho Lúcio consegue com as suas tropas prender o mouro Aarão (que planejava tudo, as mortes e o estupro), o qual tudo confessa e revela a sua perversidade no texto já citado sendo executado. Ao final da peça, em sua

SOBRE A TRAGÉDIA TITO ANDRÔNICO

1 – Em síntese sobre o enredo da tragédia Tito Andrônico, o mesmo era um general romano de muitas vitórias nas batalhas, durante muitos anos e após ter derrotado a tribo bárbara dos Godos, quando perdeu vários filhos nas batalhas, ao retornar a Roma o povo queria que fosse Imperador o que recusou e mesmo assim tendo sido eleito indica o seu sobrinho Saturnino para ser o Imperador. Tal fato causou revolta em Bessiano, irmão mais novo que desejava ser o Imperador, o qual ameaça Tito de fazer justiça pelas próprias mãos. Saturnino não podendo casar-se com Lavínia, a filha de Tito, casa-se com Tamora, a Rainha dos Godos que era escrava prisioneira de Tito e torna-se Imperatriz de Roma e busca vingar-se de Tito que matara o seu filho e junto com o seu amante Aarão em tão plano de vingança ocorre o estupro de Lavínia (a filha de Tito), seguido de sua mutilação pelo corte das mãos e da língua o que é feito pelos outros filhos de Tamora que são Demétrio e Quirão. Entretanto o perverso Aarão acusa os filhos de Tito como seus autores e também pelo homicídio de Bessiano, os quais são executados mesmo tendo Tito cortado a própria mão para salvar os filhos e tendo feito um apelo dramático ao tribunal lembrando toda a sua vida dedicada a lutar por Roma e os vários filhos que perdera nas guerras. Tito fica revoltado ao receber a mão de volta juntamente com as cabeças dos dois filhos. Em um ato de grande dramaticidade na tragédia, Lavínia, mutilada, sem língua e sem mãos, consegue escrever no solo os nomes dos verdadeiros culpados pelos crimes e Tito parte para a vingança e o seu filho Lúcio conseguiu com as suas tropas prender o mouro Aarão (que planejara tudo, as mortes e o estupro), o qual tudo confessa e revela a sua perversidade no texto já citado sendo executado. Ao final da peça, em sua

SOBRE A TRAGÉDIA TITO ANDRÔNICO

1 – Em síntese sobre o enredo da tragédia Tito Andrônico, o mesmo era um general romano de muitas vitórias nas batalhas, durante muitos anos e após ter derrotado a tribo bárbara dos Godos, quando perdeu vários filhos nas batalhas, ao retornar a Roma o povo queria que fosse Imperador o que recusou e mesmo assim tendo sido eleito indica o seu sobrinho Saturnino para ser o Imperador. Tal fato causou revolta em Bessiano, irmão mais novo que desejava ser o Imperador, o qual ameaça Tito de fazer justiça pelas próprias mãos. Saturnino não podendo casar-se com Lavínia, a filha de Tito, casa-se com Tamora, a Rainha dos Godos que era escrava prisioneira de Tito e torna-se Imperatriz de Roma e busca vingar-se de Tito que matara o seu filho e junto com o seu amante Aarão em tão plano de vingança ocorre o estupro de Lavínia (a filha de Tito), seguido de sua mutilação pelo corte das mãos e da língua o que é feito pelos outros filhos de Tamora que são Demétrio e Quirão. Entretanto o perverso Aarão acusa os filhos de Tito como seus autores e também pelo homicídio de Bessiano, os quais são executados mesmo tendo Tito cortado a própria mão para salvar os filhos e tendo feito um apelo dramático ao tribunal lembrando toda a sua vida dedicada a lutar por Roma e os vários filhos que perdera nas guerras. Tito fica revoltado ao receber a mão de volta juntamente com as cabeças dos dois filhos. Em um ato de grande dramaticidade na tragédia, Lavínia, mutilada, sem língua e sem mãos, consegue escrever no solo os nomes dos verdadeiros culpados pelos crimes e Tito parte para a vingança e o seu filho Lúcio conseguiu com as suas tropas prender o mouro Aarão (que planejava tudo, as mortes e o estupro), o qual tudo confessa e revela a sua perversidade no texto já citado sendo executado. Ao final da peça, em sua

fúria assassina ou terrível vingança, Tito mata os filhos de Tamora, toca fogo nos mesmos e vem a "cozinhá-los" e como alimento é servido a Rainha Tamora que ignorando isso, reage violentamente ao saber do fato porém é assassinada por Tito o qual anteriormente no banquete de canibalismo citado mata a própria filha Lavinia para poupá-la da dor e da humilhação por ter sido violada. Continuando no banho de sangue, Tito é morto pelo Imperador Saturnino o qual por sua vez é assassinado por Lúcio filho de Tito e este depois de toda chacina torna-se Imperador de Roma.

2 – Muitas vezes a tragédia Tito Andrônico ao ser encenada em Londres foi colocada na porta do teatro uma ambulância com médicos para socorrer os expectadores que passavam mal com tão banho de sangue que era apresentado na tragédia (até uma cena de canibalismo).

fúria assassina ou terrível vingança, Tito mata os filhos de Tamora, toca fogo nos mesmos e vem a "cozinhá-los" e como alimento é servido a Rainha Tamora que ignorando isso, reage violentamente ao saber do fato porém é assassinada por Tito o qual anteriormente no banquete de canibalismo citado mata a própria filha Lavinia para poupá-la da dor e da humilhação por ter sido violada. Continuando no banho de sangue, Tito é morto pelo Imperador Saturnino o qual por sua vez é assassinado por Lúcio filho de Tito e este depois de toda chacina torna-se Imperador de Roma.

2 – Muitas vezes a tragédia Tito Andrônico ao ser encenada em Londres foi colocada na porta do teatro uma ambulância com médicos para socorrer os expectadores que passavam mal com tão banho de sangue que era apresentado na tragédia (até uma cena de canibalismo).

TITO ANDRÔNICO, TRAGÉDIA DE SHAKESPEARE (WILLIAM, 1564-1616), PERSONAGEM AARÃO, NO ATO 5, CENA 1

LUCIUS: "E NÃO LAMENTA ESSES FEITOS HORRENDOS?"

AARÃO "Só não ter feito mais uns outros mil,
Inda maldigo o dia – porém penso
Que poucos cabem nessa maldição –
Em que não tenha feito um mal notório:
Matar alguém, ou planejar sua morte;
Violar uma moça ou pensar em fazê-lo;
Acusar um inocente, perjurar-me;
Trazer inimizade a dois amigos;
Matar o gado de quem já é pobre;
Por fogo, à noite, em feno e em celeiros
Mandando o dono apagá-lo com o pranto,
Muitas vezes tirei mortos da cova
Para encostá-los nas portas de amigos
Que começaram a esquecer da dor,
E em suas peles, como em tronco de árvore,
Com minha faca escrevia, claro em romano
Estou morto, mas não morra a sua dor.
Enfim, eu fiz mil coisas que apavoram"
Personagem Aaron, Ato 5, Cena 1
"Com calma igual à de quem mata mosca, e nada fere mais o meu
coração o não poder ter feito mais de mil.
Se há demos, eu queria bem ser um para viver e queimar no fogo
eterno."

ATO 5, CENA 3

AARÃO Antes de ser morto, enterrado vivo por ordem do Imperador Lucius,
"Não sou criança" para com preces baixas. Dever me arrepender do mal
que fiz.
Dez mil piores que qualquer um deles eu faria. Se fosse por vontade. Se
alguma boa ação eu fiz na vida, com toda a alma me arrependo dela."

Obs.: Tragédia (a 1ª Escrita por Shakespeare em 1594?) em 1589? é um
verdadeiro "Banho de Sangue", "fúria assassina". Com cenas de
canibalismo, decapitação, estupro, homicídios, etc. etc. E muitas vezes,
em Londres, colocou-se ambulância na porta do teatro para atender aos
espectadores que passavam mal com as cenas sangrentas de horror.

TITO ANDRÔNICO, TRAGÉDIA DE SHAKESPEARE (WILLIAM, 1564-1616), PERSONAGEM AARÃO, NO ATO 5, CENA 1

LUCIUS: "E NÃO LAMENTA ESSES FEITOS HORRENDOS?"

AARÃO "Só não ter feito mais uns outros mil,
Inda maldigo o dia – porém penso
Que poucos cabem nessa maldição –
Em que não tenha feito um mal notório:
Matar alguém, ou planejar sua morte;
Violar uma moça ou pensar em fazê-lo;
Acusar um inocente, perjurar-me;
Trazer inimizade a dois amigos;
Matar o gado de quem já é pobre;
Por fogo, à noite, em feno e em celeiros
Mandando o dono apagá-lo com o pranto,
Muitas vezes tirei mortos da cova
Para encostá-los nas portas de amigos
Que começaram a esquecer da dor,
E em suas peles, como em tronco de árvore,
Com minha faca escrevia, claro em romano
Estou morto, mas não morra a sua dor.
Enfim, eu fiz mil coisas que apavoram"
Personagem Aaron, Ato 5, Cena 1
"Com calma igual à de quem mata mosca, e nada fere mais o meu
coração o não poder ter feito mais de mil.
Se há demos, eu queria bem ser um para viver e queimar no fogo
eterno."

ATO 5, CENA 3

AARÃO Antes de ser morto, enterrado vivo por ordem do Imperador Lucius,
"Não sou criança" para com preces baixas. Dever me arrepender do mal
que fiz.
Dez mil piores que qualquer um deles eu faria. Se fosse por vontade. Se
alguma boa ação eu fiz na vida, com toda a alma me arrependo dela."

Obs.: Tragédia (a 1ª Escrita por Shakespeare em 1594?) em 1589? é um
verdadeiro "Banho de Sangue", "fúria assassina". Com cenas de
canibalismo, decapitação, estupro, homicídios, etc. etc. E muitas vezes,
em Londres, colocou-se ambulância na porta do teatro para atender aos
espectadores que passavam mal com as cenas sangrentas de horror.

MONÓLOGO INICIAL DA TRAGÉDIA RICARDO III (1592-1593) DE WILLIAM SHAKESPEARE (1564-1616)

(A feiura e deformidade física aliadas à maldade humana em sua expressão máxima, o complexo de inferioridade causador ou como explicação de seus crimes hediondos)

Eu que não fui feito para as proezas dos prazeres e das alegrias,
E nem fui feito para cortejar espelho de olhar amoroso;
Eu que sou de um físico rude e sou aquele
A quem falta a grandeza do amor
Para me enfeitar diante de uma mulher de andar lúbrico;
Eu que fui deserdado de belas proporções,
Roubado de uma melhor forma exterior por uma natureza ingrata,
Foi com aleijões e inacabado que nasci antes do tempo,
Que me puseram neste mundo mal-e-mal pela metade,
E esta metade é tão incompleta, disforme e tão horrenda
Que até os cachorros latem para mim quando eu passo por eles.
Ora, eu na calma destes tempos de paz,
Não encontro prazer em ver o tempo passar,
A menos que seja para olhar a minha própria sombra ao sol de um corpo tão deformado.
Portanto, uma vez que não posso e nem sei agir como amante
Para me ocupar com as alegrias e as festas destes dias,
Estou decidido a agir como um canalha ("Villain") e a detestar os amores e prazeres fáceis dos dias de hoje.
Farei planos terríveis, perigosas intrigas, falsas profecias,
E acusações mentirosas e sonhos
Para colocar o meu irmão Clarence e o Rei um contra o outro, em ódio mortal.
Assim, se o Rei Eduardo for leal e justo
Na mesma proporção em que sou
Sutil, falso e traiçoeiro
Hoje mesmo Clarence deverá ser preso e muito bem vigiado por conta de uma profecia
Que diz que os herdeiros do Rei Eduardo serão assassinados por Clarence.
Mergulhem tais pensamentos meus
Para o fundo da minha alma.

Observação:

A tragédia se passa ao final da denominada Guerras das Rosas que foi um conflito pelo Trono da Inglaterra entre as famílias York e Lancaster durante 30 anos (1455-1485) e na ocasião o Rei da Inglaterra era Eduardo IV, da família York, porém o seu irmão Ricardo (que era Duque de Gloucester) prepara um longo plano para a usurpação do Trono através de intrigas, de assassinatos de aliados, de amigos, de parentes (o seu irmão o Duque de Clarence, os seus sobrinhos que eram os príncipes ainda crianças, etc. A explicação de tal maldade humana está aliada ao seu complexo de inferioridade por sua feiura e deformidade física e entendemos que é uma tese que se ajusta à doutrina da Psicologia Individual de Adler (discípulo de Freud que se afastou ou divergiu do mestre à exemplo também de Jung) elaborada no século 19. Tal complexo de inferioridade em nossa compreensão pode ser compensado pela arte como em Beethoven que compôs a sua obra prima que é a "Nona Sinfonia", com o coral de seu final "A ode à alegria" quando estava inteiramente surdo, com Michelangelo que compensou a sua grande feiura (conforme os seus contemporâneos) com a beleza da sua genial escultura ("A piedade", "Davi", etc.) ou de sua pintura ("O juízo final da Capela Sistina"), na igreja de São Pedro em Roma, o nosso "Aleijadinho" em Minas Gerais com a sua maravilhosa arte sacra na talha dourada e na pedra sabão em Minas Gerais (os Profetas de Congonhas do Campo, os altares das igrejas barrocas de Minas Gerais, etc. obras primas que surgiram quando estava gravemente atingido pela deformidade devido a doença degenerativa etc. Ou, então, ainda em nossa interpretação a compensação pode surgir através da prática de crime, de ações hediondas como estão expostas ou projetadas no referido monólogo da tragédia Ricardo III.

Historicamente, tendo sido Rei da Inglaterra por dois anos (1483-1485), após ter conseguido o trono pelos crimes praticados, Ricardo III foi derrotado e morto na batalha Bosworth, ficando famosa a sua frase: "meu reino por um cavalo" ao encontrar-se a pé no campo de batalha.

MONÓLOGO INICIAL DA TRAGÉDIA RICARDO III (1592-1593) DE WILLIAM SHAKESPEARE (1564-1616)

(A feiura e deformidade física aliadas à maldade humana em sua expressão máxima, o complexo de inferioridade causador ou como explicação de seus crimes hediondos)

Eu que não fui feito para as proezas dos prazeres e das alegrias,
E nem fui feito para cortejar espelho de olhar amoroso;
Eu que sou de um físico rude e sou aquele
A quem falta a grandeza do amor
Para me enfeitar diante de uma mulher de andar lúbrico;
Eu que fui deserdado de belas proporções,
Roubado de uma melhor forma exterior por uma natureza ingrata,
Foi com aleijões e inacabado que nasci antes do tempo,
Que me puseram neste mundo mal-e-mal pela metade,
E esta metade é tão incompleta, disforme e tão horrenda
Que até os cachorros latem para mim quando eu passo por eles.
Ora, eu na calma destes tempos de paz,
Não encontro prazer em ver o tempo passar,
A menos que seja para olhar a minha própria sombra ao sol de um corpo tão deformado.
Portanto, uma vez que não posso e nem sei agir como amante
Para me ocupar com as alegrias e as festas destes dias,
Estou decidido a agir como um canalha ("Villain") e a detestar os amores e prazeres fáceis dos dias de hoje.
Farei planos terríveis, perigosas intrigas, falsas profecias,
E acusações mentirosas e sonhos
Para colocar o meu irmão Clarence e o Rei um contra o outro, em ódio mortal.
Assim, se o Rei Eduardo for leal e justo
Na mesma proporção em que sou
Sutil, falso e traiçoeiro
Hoje mesmo Clarence deverá ser preso e muito bem vigiado por conta de uma profecia
Que diz que os herdeiros do Rei Eduardo serão assassinados por Clarence.
Mergulhem tais pensamentos meus
Para o fundo da minha alma.

Observação:

A tragédia se passa ao final da denominada Guerras das Rosas que foi um conflito pelo Trono da Inglaterra entre as famílias York e Lancaster durante 30 anos (1455-1485) e na ocasião o Rei da Inglaterra era Eduardo IV, da família York, porém o seu irmão Ricardo (que era Duque de Gloucester) prepara um longo plano para a usurpação do Trono através de intrigas, de assassinatos de aliados, de amigos, de parentes (o seu irmão o Duque de Clarence, os seus sobrinhos que eram os príncipes ainda crianças, etc. A explicação de tal maldade humana está aliada ao seu complexo de inferioridade por sua feiura e deformidade física e entendemos que é uma tese que se ajusta à doutrina da Psicologia Individual de Adler (discípulo de Freud que se afastou ou divergiu do mestre à exemplo também de Jung) elaborada no século 19. Tal complexo de inferioridade em nossa compreensão pode ser compensado pela arte como em Beethoven que compôs a sua obra prima que é a "Nona Sinfonia", com o coral de seu final "A ode à alegria" quando estava inteiramente surdo, com Michelangelo que compensou a sua grande feiura (conforme os seus contemporâneos) com a beleza da sua genial escultura ("A piedade", "Davi", etc.) ou de sua pintura ("O juízo final da Capela Sistina"), na igreja de São Pedro em Roma, o nosso "Aleijadinho" em Minas Gerais com a sua maravilhosa arte sacra na talha dourada e na pedra sabão em Minas Gerais (os Profetas de Congonhas do Campo, os altares das igrejas barrocas de Minas Gerais, etc. obras primas que surgiram quando estava gravemente atingido pela deformidade devido a doença degenerativa etc. Ou, então, ainda em nossa interpretação a compensação pode surgir através da prática de crime, de ações hediondas como estão expostas ou projetadas no referido monólogo da tragédia Ricardo III.

Historicamente, tendo sido Rei da Inglaterra por dois anos (1483-1485), após ter conseguido o trono pelos crimes praticados, Ricardo III foi derrotado e morto na batalha Bosworth, ficando famosa a sua frase: "meu reino por um cavalo" ao encontrar-se a pé no campo de batalha.

MONÓLOGO INICIAL DA TRAGÉDIA RICARDO III (1592-1593) DE WILLIAM SHAKESPEARE (1564-1616)

(A feiura e deformidade física aliadas à maldade humana em sua expressão máxima, o complexo de inferioridade causador ou como explicação de seus crimes hediondos)

Eu que não fui feito para as proezas dos prazeres e das alegrias,
E nem fui feito para cortejar espelho de olhar amoroso;
Eu que sou de um físico rude e sou aquele
A quem falta a grandeza do amor
Para me enfeitar diante de uma mulher de andar lúbrico;
Eu que fui deserdado de belas proporções,
Roubado de uma melhor forma exterior por uma natureza ingrata,
Foi com aleijões e inacabado que nasci antes do tempo,
Que me puseram neste mundo mal-e-mal pela metade,
E esta metade é tão incompleta, disforme e tão horrenda
Que até os cachorros latem para mim quando eu passo por eles.
Ora, eu na calma destes tempos de paz,
Não encontro prazer em ver o tempo passar,
A menos que seja para olhar a minha própria sombra ao sol de um corpo tão deformado.
Portanto, uma vez que não posso e nem sei agir como amante
Para me ocupar com as alegrias e as festas destes dias,
Estou decidido a agir como um canalha ("Villain") e a detestar os amores e prazeres fáceis dos dias de hoje.
Farei planos terríveis, perigosas intrigas, falsas profecias,
E acusações mentirosas e sonhos
Para colocar o meu irmão Clarence e o Rei um contra o outro, em ódio mortal.
Assim, se o Rei Eduardo for leal e justo
Na mesma proporção em que sou
Sutil, falso e traiçoeiro
Hoje mesmo Clarence deverá ser preso e muito bem vigiado por conta de uma profecia
Que diz que os herdeiros do Rei Eduardo serão assassinados por Clarence.
Mergulhem tais pensamentos meus
Para o fundo da minha alma.

Observação:

A tragédia se passa ao final da denominada Guerras das Rosas que foi um conflito pelo Trono da Inglaterra entre as famílias York e Lancaster durante 30 anos (1455-1485) e na ocasião o Rei da Inglaterra era Eduardo IV, da família York, porém o seu irmão Ricardo (que era Duque de Gloucester) prepara um longo plano para a usurpação do Trono através de intrigas, de assassinatos de aliados, de amigos, de parentes (o seu irmão o Duque de Clarence, os seus sobrinhos que eram os príncipes ainda crianças, etc. A explicação de tal maldade humana está aliada ao seu complexo de inferioridade por sua feiura e deformidade física e entendemos que é uma tese que se ajusta à doutrina da Psicologia Individual de Adler (discípulo de Freud que se afastou ou divergiu do mestre à exemplo também de Jung) elaborada no século 19. Tal complexo de inferioridade em nossa compreensão pode ser compensado pela arte como em Beethoven que compôs a sua obra prima que é a "Nona Sinfonia", com o coral de seu final "A ode à alegria" quando estava inteiramente surdo, com Michelangelo que compensou a sua grande feiura (conforme os seus contemporâneos) com a beleza da sua genial escultura ("A piedade", "Davi", etc.) ou de sua pintura ("O juízo final da Capela Sistina"), na igreja de São Pedro em Roma, o nosso "Aleijadinho" em Minas Gerais com a sua maravilhosa arte sacra na talha dourada e na pedra sabão em Minas Gerais (os Profetas de Congonhas do Campo, os altares das igrejas barrocas de Minas Gerais, etc. obras primas que surgiram quando estava gravemente atingido pela deformidade devido a doença degenerativa etc. Ou, então, ainda em nossa interpretação a compensação pode surgir através da prática de crime, de ações hediondas como estão expostas ou projetadas no referido monólogo da tragédia Ricardo III.

Historicamente, tendo sido Rei da Inglaterra por dois anos (1483-1485), após ter conseguido o trono pelos crimes praticados, Ricardo III foi derrotado e morto na batalha Bosworth, ficando famosa a sua frase: "meu reino por um cavalo" ao encontrar-se a pé no campo de batalha.

SOBRE O PERSONAGEM RICARDO III

1 – Na ficção literária desde o seu nascimento que Ricardo III não foi bem recebido pelo mundo, nasceu em uma atmosfera de mau agouro como está descrito no drama histórico "Henrique VI" conforme já vimos. Ricardo Plantageneta, Duque de York e posteriormente Duque de Gloucester e Rei Ricardo III é um dos personagens do drama histórico (consideramos que é uma tragédia), escrita em 1592 por Shakespeare, já revelava toda a sua grande perversidade para matar ou mandar matar todos os que poderiam atravessar no seu objetivo, o seu sonho de ser Rei da Inglaterra, conforme já destacamos. É um verdadeiro louco moral em função do seu complexo de inferioridade devido a sua terrível deformidade física, "era um caos disforme", incapaz de amar e ser amado.

2 – O personagem Ricardo III para a explicação de sua maldade consiste em uma verdadeira e genial antecipação de Shakespeare sobre o terrível complexo de inferioridade que foi exposto no século XIX pelo grande psiquiatra e psicólogo alemão Alfredo Adler. Entendemos que o portador de tal complexo pode compensá-lo através da arte (Beethoven compôs a sua obra prima que é a Nona Sinfonia quando estava inteiramente surdo) ou lamentavelmente através da prática do crime e assim, por exemplo, uma ofensa ou humilhação feita a um aleijado pode provocar uma reação do mesmo através de uma fúria assassina.

3 – Além do monólogo inicial da tragédia "Ricardo III" que já citamos e os trechos também do drama histórico "Henrique VI", destaquemos que ao final da citada tragédia, como que reconhecendo a sua perversidade, a sua terrível personalidade, atormentado pelos fantasmas das vítimas dos seus crimes que lhe apareceram em um pesadelo antes da batalha final de Bosworth em que foi morto afirma:

*"eu desespero, mas ninguém me ama,
e se eu morrer ninguém me chorará
porque alguém me choraria
quando eu mesmo não tenho piedade de mim mesmo?"*

Ainda: "as almas todas dos finados que eu matei

*Tinham vindo a minha tenda para a vingança com a morte na
batalha."*

E na batalha Ricardo III gritou desesperado a frase que ficou famosa: "meu reino por um cavalo!", pois tinha ficado a pé no meio da batalha ao ser morto o seu cavalo.

4 – Sem dúvida, o monólogo inicial da tragédia "Ricardo III" é muito impressionante e de grande impacto nos espectadores, bem revelador de sua personalidade plena de perversidade, voltada sempre para o mal, originada, em nossa compreensão, do seu complexo de inferioridade por sua deformidade física.

5 – Destaquemos, por outra parte como prova de falta de seu senso moral, procura seduzir a cunhada, Rainha da Inglaterra, que estava no velório junto do caixão do seu irmão, tentando cortejá-la e vangloriando-se disso ao final da cena 2 do ato 1. Assim, matou o Rei Henrique VI da Inglaterra e procurou conquistar ou seduzir Lady Anne a viúva, ato 1, cena 2.

AINDA SOBRE O PERSONAGEM RICARDO III QUE É CONSIDERADO O PERSONAGEM MAIS PERVERSO DE TODA LITERATURA OCIDENTAL

1 – A fala do Rei Henrique VI antes de ser morto por Ricardo (que era Duque de Gloucester) sobre o que tinha ocorrido quando Ricardo nasceu: Parte 3, ato 5, cena 6, do drama histórico "Henrique VI". "Na hora em que nasceu a coruja piou mal no seu parto"; "guinchou a gralha, a prever mal tempo"; "uivaram cães, zuniram tempestades"; "nas chaminés se esconderam os corvos"; "os pássaros matracaram em discórdia"; "tua mãe teve mais que dor de mãe e pariu menos que uma mãe espera, a saber essa massa deformada que não é fruto de uma boa árvore. Ao nascer, tinhas dentes nessa boca sinal que no mundo vinhas para morder". Ricardo então dizendo: "basta profeta com tua fala", apunhalando-o por mais de uma vez. O Rei Henrique VI era da família Lancaster e o Ricardo era da família York, houve a "Guerra das Rosas" na Inglaterra, entre as duas famílias, que durou 30 anos.

A seguir, Ricardo (o futuro Rei Ricardo III da Inglaterra), 3ª parte, ato 5, cena 6, do drama histórico "Henrique VI", vem a confessar: "eu, sem piedade, sem amor, sem medo; é bem verdade o que me diz Henrique: "cheguei ao mundo com as pernas para frente ... a parteira assustou-se; outras gritavam: "Jesus, socorro!" já nasceu com dentes. O que é verdade, e quer dizer bem claro que hei de rosnar, morder, bancar o cão pois já que os céus assim me deformaram que fale o inferno, me entortando a mente ... E o amor palavra que abençoa o velho, reside em humanos que são parecidos e não em mim. "Eu sou só, sozinho". E posteriormente irá matar o irmão George (Duque de Clarence) depois de fazer intrigas com o Rei Eduardo para torná-los inimigos e também mata ou manda matar

AINDA SOBRE O PERSONAGEM RICARDO III QUE É CONSIDERADO O PERSONAGEM MAIS PERVERSO DE TODA LITERATURA OCIDENTAL

1 – A fala do Rei Henrique VI antes de ser morto por Ricardo (que era Duque de Gloucester) sobre o que tinha ocorrido quando Ricardo nasceu: Parte 3, ato 5, cena 6, do drama histórico "Henrique VI". "Na hora em que nasceu a coruja piou mal no seu parto"; "guinchou a gralha, a prever mal tempo"; "uivaram cães, zuniram tempestades"; "nas chaminés se esconderam os corvos"; "os pássaros matracaram em discórdia"; "tua mãe teve mais que dor de mãe e pariu menos que uma mãe espera, a saber essa massa deformada que não é fruto de uma boa árvore. Ao nascer, tinhas dentes nessa boca sinal que no mundo vinhas para morder". Ricardo então dizendo: "basta profeta com tua fala", apunhalando-o por mais de uma vez. O Rei Henrique VI era da família Lancaster e o Ricardo era da família York, houve a "Guerra das Rosas" na Inglaterra, entre as duas famílias, que durou 30 anos.

A seguir, Ricardo (o futuro Rei Ricardo III da Inglaterra), 3ª parte, ato 5, cena 6, do drama histórico "Henrique VI", vem a confessar: "eu, sem piedade, sem amor, sem medo; é bem verdade o que me diz Henrique: "cheguei ao mundo com as pernas para frente ... a parteira assustou-se; outras gritavam: "Jesus, socorro!" já nasceu com dentes. O que é verdade, e quer dizer bem claro que hei de rosnar, morder, bancar o cão pois já que os céus assim me deformaram que fale o inferno, me entortando a mente ... E o amor palavra que abençoa o velho, reside em humanos que são parecidos e não em mim. "Eu sou só, sozinho". E posteriormente irá matar o irmão George (Duque de Clarence) depois de fazer intrigas com o Rei Eduardo para torná-los inimigos e também mata ou manda matar

AINDA SOBRE O PERSONAGEM RICARDO III QUE É CONSIDERADO O PERSONAGEM MAIS PERVERSO DE TODA LITERATURA OCIDENTAL

1 – A fala do Rei Henrique VI antes de ser morto por Ricardo (que era Duque de Gloucester) sobre o que tinha ocorrido quando Ricardo nasceu: Parte 3, ato 5, cena 6, do drama histórico "Henrique VI". "Na hora em que nasceu a coruja piou mal no seu parto"; "guinchou a gralha, a prever mal tempo"; "uivaram cães, zuniram tempestades"; "nas chaminés se esconderam os corvos"; "os pássaros matracaram em discórdia"; "tua mãe teve mais que dor de mãe e pariu menos que uma mãe espera, a saber essa massa deformada que não é fruto de uma boa árvore. Ao nascer, tinhas dentes nessa boca sinal que no mundo vinhas para morder". Ricardo então dizendo: "basta profeta com tua fala", apunhalando-o por mais de uma vez. O Rei Henrique VI era da família Lancaster e o Ricardo era da família York, houve a "Guerra das Rosas" na Inglaterra, entre as duas famílias, que durou 30 anos.

A seguir, Ricardo (o futuro Rei Ricardo III da Inglaterra), 3ª parte, ato 5, cena 6, do drama histórico "Henrique VI", vem a confessar: "eu, sem piedade, sem amor, sem medo; é bem verdade o que me diz Henrique: "cheguei ao mundo com as pernas para frente ... a parteira assustou-se; outras gritavam: "Jesus, socorro!" já nasceu com dentes. O que é verdade, e quer dizer bem claro que hei de rosnar, morder, bancar o cão pois já que os céus assim me deformaram que fale o inferno, me entortando a mente ... E o amor palavra que abençoa o velho, reside em humanos que são parecidos e não em mim. "Eu sou só, sozinho". E posteriormente irá matar o irmão George (Duque de Clarence) depois de fazer intrigas com o Rei Eduardo para torná-los inimigos e também mata ou manda matar

todos que estavam na sua frente na linha sucessória do trono da Inglaterra (inclusive dois sobrinhos de 7 e 8 anos) dizendo: "ou subo no topo ou eu, para mim, não presto" (Parte 3, ato 5, cena 6).

Antes, no drama Henrique VI (parte 3, ato 3, cena 2) Ricardo havia dito em monólogo: "ora, o amor me abandonou no útero, subornou a natureza que é frágil, para fazer do meu braço um ramo seco; criar uma montanha em minhas costas, de onde a deformidade ri de mim; me deu pernas de alturas diferentes; criou desproporção por toda parte ... Serei um homem pra ser amado? Se a Terra, então não me dá alegria, se não as de ordenar e dominar ... E viver no inferno aqui na Terra até a cabeça deste tronco torto ... Estar empalada em coroa de ouro (ser Rei) mais como hei de chegar até a coroa? Há muitas vidas entre o alvo e eu ... Eu com o machado em sangue encontro o caminho; Eu sei sorrir, eu sei matar sorrindo, mudar de cor a cada situação, lavar com falsas lágrimas as faces, sei colorir-me qual camaleão. Sou capaz disso se não eu não pego essa coroa (Parte 3, ato 3, cena 2).

todos que estavam na sua frente na linha sucessória do trono da Inglaterra (inclusive dois sobrinhos de 7 e 8 anos) dizendo: "ou subo no topo ou eu, para mim, não presto" (Parte 3, ato 5, cena 6).

Antes, no drama Henrique VI (parte 3, ato 3, cena 2) Ricardo havia dito em monólogo: "ora, o amor me abandonou no útero, subornou a natureza que é frágil, para fazer do meu braço um ramo seco; criar uma montanha em minhas costas, de onde a deformidade ri de mim; me deu pernas de alturas diferentes; criou desproporção por toda parte ... Serei um homem pra ser amado? Se a Terra, então não me dá alegria, se não as de ordenar e dominar ... E viver no inferno aqui na Terra até a cabeça deste tronco torto ... Estar empalada em coroa de ouro (ser Rei) mais como hei de chegar até a coroa? Há muitas vidas entre o alvo e eu ... Eu com o machado em sangue encontro o caminho; Eu sei sorrir, eu sei matar sorrindo, mudar de cor a cada situação, lavar com falsas lágrimas as faces, sei colorir-me qual camaleão. Sou capaz disso se não eu não pego essa coroa (Parte 3, ato 3, cena 2).

SOBRE A TRAGÉDIA MACBETH

1 – General escocês vitorioso, Macbeth fica embriagado pelo poder, muda a sua personalidade ao encontrar na volta para casa em uma estrada, três bruxas que lhe vaticinam que será Rei da Escócia e instigado sobretudo pela sua terrível esposa, Lady Macbeth, assassina o Rei Duncan da Escócia que havia hospedado em seu castelo, violando assim a sagrada hospitalidade.

2 – Depois do encontro com a três bruxas, Macbeth começa a ficar impregnado de maldade, torna-se um personagem maldito e até no meio teatral da Inglaterra entre os atores ingleses é considerada uma "peça maldita", afirmando-se inclusive que traria mal agouro a quem a representasse, uma má sorte. Inclusive chegou-se até a evitar chamá-la pelo seu nome, afirmando-se tão somente "a peça escocesa" e não "Macbeth".

Ainda, a peça é tão sombria, de causar medo que a sua maior parte é encenada com pouca luz, quase que nas trevas, em uma escuridão, é uma peça mais noturna que diurna.

3 – Por outra parte, é uma tragédia dominada pelo pessimismo, maior que a própria vida pois nela está escrito como sua filosofia: "a vida nada mais é que uma sombra que passa, um pobre ator que se pavoneia e se agita na hora em cena e, depois, não se ouve mais dele". É uma história contada por um idiota cheia de som e de fúria significando nada (ato 5, cena 5).

4 – Macbeth era um general escocês vitorioso, valoroso, de grande conceito, um homem bom porém ao encontrar em seu caminho com as

três bruxas que lhe prometeram glória e poder e que poderia ser Rei ("Salve Macbeth, que um dia há de ser Rei!", ato 1, cena 3) começou a ficar perturbado, a mudar para pior a sua personalidade, dominada pela ambição e na sua mente surge a ideia de matar o Rei Duncan ao acolhê-lo no seu castelo, um crime de alta traição, decisivamente a tal respeito impellido pela personagem terrível, a sua mulher Lady Macbeth, que nega as melhores qualidades e virtudes que uma mulher pode ter.

5 – Em verdade, Macbeth hesita na hora de matar o Rei Duncan adormecido, que seria a punhal e então a Lady Macbeth toma a arma das suas mãos e diz instigando-o: "Oh! Que vontade fraca! Dai-me as armas. Os mortos e os que dormem são pinturas, nada mais" (ato 2, cena 2). Antes do homicídio a Lady Macbeth tinha embriagado os dois guardas do Rei que depois são mortos por Macbeth que os acusa de ter assassinado o Rei. Depois do assassinato do Rei, Macbeth e a mulher, começam a enlouquecer, a ter visões de fantasmas, começam a lavar as mãos continuamente pois sempre veem sangue nas mesmas e a Lady Macbeth enlouquecida comete suicídio.

6 – A tragédia vai demonstrando que o mal alimenta-se do próprio mal, que "o sangue atrai sangue", faz com que ele cresça pois com o homicídio do Rei Duncan (seu primo) e seu hóspede segue-se o assassinato dos seus dois camareiros que dormiam e após vem a matar Banquo dizendo "só o mal pode o mal fazer crescer" (ato 3, cena 2). Macbeth chega ainda a dizer (ato 4, cena 2): "vivo neste mundo, onde agir mal, as vezes é louvável, mas o bem é tido qual loucura perigosa".

Ou seja: é a aniquilação do ser humano pelo mal, sobretudo depois que foi estimulado, incentivado pelas bruxas para ter glória e poder, para afinal terminar no desespero, no pessimismo sobre a vida, no crime, na sua infelicidade.

três bruxas que lhe prometeram glória e poder e que poderia ser Rei ("Salve Macbeth, que um dia há de ser Rei!", ato 1, cena 3) começou a ficar perturbado, a mudar para pior a sua personalidade, dominada pela ambição e na sua mente surge a ideia de matar o Rei Duncan ao acolhê-lo no seu castelo, um crime de alta traição, decisivamente a tal respeito impellido pela personagem terrível, a sua mulher Lady Macbeth, que nega as melhores qualidades e virtudes que uma mulher pode ter.

5 – Em verdade, Macbeth hesita na hora de matar o Rei Duncan adormecido, que seria a punhal e então a Lady Macbeth toma a arma das suas mãos e diz instigando-o: "Oh! Que vontade fraca! Dai-me as armas. Os mortos e os que dormem são pinturas, nada mais" (ato 2, cena 2). Antes do homicídio a Lady Macbeth tinha embriagado os dois guardas do Rei que depois são mortos por Macbeth que os acusa de ter assassinado o Rei. Depois do assassinato do Rei, Macbeth e a mulher, começam a enlouquecer, a ter visões de fantasmas, começam a lavar as mãos continuamente pois sempre veem sangue nas mesmas e a Lady Macbeth enlouquecida comete suicídio.

6 – A tragédia vai demonstrando que o mal alimenta-se do próprio mal, que "o sangue atrai sangue", faz com que ele cresça pois com o homicídio do Rei Duncan (seu primo) e seu hóspede segue-se o assassinato dos seus dois camareiros que dormiam e após vem a matar Banquo dizendo "só o mal pode o mal fazer crescer" (ato 3, cena 2). Macbeth chega ainda a dizer (ato 4, cena 2): "vivo neste mundo, onde agir mal, as vezes é louvável, mas o bem é tido qual loucura perigosa".

Ou seja: é a aniquilação do ser humano pelo mal, sobretudo depois que foi estimulado, incentivado pelas bruxas para ter glória e poder, para afinal terminar no desespero, no pessimismo sobre a vida, no crime, na sua infelicidade.

7 – Destaquemos, ainda que a Lady Macbeth já tinha a intenção criminosa antes da chegada do Rei Duncan ao castelo de Macbeth conforme se observa no seu monólogo do ato 1, cena 5 ao invocar aos espíritos "espíritos mortíferos" para ter "crueldade" e não arrepender-se: "é rouco o próprio corvo que anuncia a fatídica chegada do Rei a minha casa. Vinde, espíritos ... Inundai-me vil crueldade" etc. Também na conversa provocante para o crime que tem com Macbeth, para eliminar nele as dúvidas e hesitações para a morte do Rei (ato 1, cena 7).

8 – Sem dúvida alguma, a ação e as instigações de Lady Macbeth foram decisivas para a conduta criminosa de Macbeth para sua grande perversidade. Depois dos assassinatos, Macbeth em batalha é morto por Macduff, terminando a tragédia pois os soldados deste, camuflados com ramos de árvore avançaram até Dunsinane onde estava Macbeth cumprindo-se assim o que as bruxas tinham dito que ele não deveria temer nada, seria invencível, a não ser que a floresta de Birnban avançasse contra o local em que ele estivesse.

7 – Destaquemos, ainda que a Lady Macbeth já tinha a intenção criminosa antes da chegada do Rei Duncan ao castelo de Macbeth conforme se observa no seu monólogo do ato 1, cena 5 ao invocar aos espíritos "espíritos mortíferos" para ter "crueldade" e não arrepender-se: "é rouco o próprio corvo que anuncia a fatídica chegada do Rei a minha casa. Vinde, espíritos ... Inundai-me vil crueldade" etc. Também na conversa provocante para o crime que tem com Macbeth, para eliminar nele as dúvidas e hesitações para a morte do Rei (ato 1, cena 7).

8 – Sem dúvida alguma, a ação e as instigações de Lady Macbeth foram decisivas para a conduta criminosa de Macbeth para sua grande perversidade. Depois dos assassinatos, Macbeth em batalha é morto por Macduff, terminando a tragédia pois os soldados deste, camuflados com ramos de árvore avançaram até Dunsinane onde estava Macbeth cumprindo-se assim o que as bruxas tinham dito que ele não deveria temer nada, seria invencível, a não ser que a floresta de Birnban avançasse contra o local em que ele estivesse.

O MONÓLOGO INICIAL DA TRAGÉDIA RICARDO III (1592-1593) DE WILLIAM SHAKESPEARE (1564-1616)

TRADUÇÃO LIVRE DE ROQUE DE BRITO ALVES

(A feiura e deformidade física aliadas à maldade humana em sua expressão máxima, o complexo de inferioridade causador ou como explicação de seus crimes hediondos)

Eu que não fui feito para as proezas dos prazeres e das alegrias,
E nem fui feito para cortejar espelho de olhar amoroso;
Eu que sou de um físico rude e sou aquele
A quem falta a grandeza do amor
Para me enfeitar diante de uma mulher de andar lúbrico;
Eu que fui deserdado de belas proporções,
Roubado de uma melhor forma exterior por uma natureza ingrata,
Foi com aleijões e inacabado que nasci antes do tempo,
Que me puseram neste mundo mal-e-mal pela metade,
E esta metade é tão incompleta, disforme e tão horrenda
Que até os cachorros latem para mim quando eu passo por eles.
Ora, eu na calma destes tempos de paz,
Não encontro prazer em ver o tempo passar,
A menos que seja para olhar a minha própria sombra ao sol de um corpo tão deformado.
Portanto, uma vez que não posso e nem sei agir como amante
Para me ocupar com as alegrias e as festas destes dias,
Estou decidido a agir como um canalha ("Villain") e a detestar os amores e prazeres fáceis dos dias de hoje.
Farei planos terríveis, perigosas intrigas, falsas profecias,
E acusações mentirosas e sonhos
Para colocar o meu irmão Clarence e o Rei um contra o outro, em ódio mortal.
Assim, se o Rei Eduardo for leal e justo
Na mesma proporção em que sou
Sutil, falso e traiçoeiro
Hoje mesmo Clarence deverá ser preso e muito bem vigiado por conta de uma profecia
Que diz que os herdeiros do Rei Eduardo serão assassinados por Clarence.
Mergulhem tais pensamentos meus
Para o fundo da minha alma.

Observação:

A tragédia se passa ao final da denominada Guerras das Rosas que foi um conflito pelo Trono da Inglaterra entre as famílias York e Lancaster durante 30 anos (1455-1485) e na ocasião o Rei da Inglaterra era Eduardo IV, da família York, porém o seu irmão Ricardo (que era Duque de Gloucester) prepara um longo plano para a usurpação do Trono através de intrigas, de assassinatos de aliados, de amigos, de parentes (o seu irmão o Duque de Clarence, os seus sobrinhos que eram os príncipes ainda crianças, etc. A explicação de tal maldade humana está aliada ao seu complexo de inferioridade por sua feiura e deformidade física e entendemos que é uma tese que se ajusta à doutrina da Psicologia Individual de Adler (discípulo de Freud que se afastou ou divergiu do mestre à exemplo também de Jung) elaborada no século 19. Tal complexo de inferioridade em nossa compreensão pode ser compensado pela arte como em Beethoven que compôs a sua obra prima que é a "Nona Sinfonia", com o coral de seu final "A ode à alegria" quando estava inteiramente surdo, com Michelangelo que compensou a sua grande feiura (conforme os seus contemporâneos) com a beleza da sua genial escultura ("A piedade", "Davi", etc.) ou de sua pintura ("O juízo final da Capela Sistina"), na igreja de São Pedro em Roma, o nosso "Aleijadinho" em Minas Gerais com a sua maravilhosa arte sacra na talha dourada e na pedra sabão em Minas Gerais (os Profetas de Congonhas do Campo, os altares das igrejas barrocas de Minas Gerais, etc. obras primas que surgiram quando estava gravemente atingido pela deformidade devido a doença degenerativa etc. Ou, então, ainda em nossa interpretação a compensação pode surgir através da prática de crime, de ações hediondas como estão expostas ou projetadas no referido monólogo da tragédia Ricardo III.

Historicamente, tendo sido Rei da Inglaterra por dois anos (1483-1485), após ter conseguido o trono pelos crimes praticados, Ricardo III foi derrotado e morto na batalha Bosworth, ficando famosa a sua frase: "Meu reino por um cavalo" ao encontrar-se a pé no campo de batalha.

O MONÓLOGO INICIAL DA TRAGÉDIA RICARDO III (1592-1593) DE WILLIAM SHAKESPEARE (1564-1616)

TRADUÇÃO LIVRE DE ROQUE DE BRITO ALVES

(A feiura e deformidade física aliadas à maldade humana em sua expressão máxima, o complexo de inferioridade causador ou como explicação de seus crimes hediondos)

Eu que não fui feito para as proezas dos prazeres e das alegrias,
E nem fui feito para cortejar espelho de olhar amoroso;
Eu que sou de um físico rude e sou aquele
A quem falta a grandeza do amor
Para me enfeitar diante de uma mulher de andar lúbrico;
Eu que fui deserdado de belas proporções,
Roubado de uma melhor forma exterior por uma natureza ingrata,
Foi com aleijões e inacabado que nasci antes do tempo,
Que me puseram neste mundo mal-e-mal pela metade,
E esta metade é tão incompleta, disforme e tão horrenda
Que até os cachorros latem para mim quando eu passo por eles.
Ora, eu na calma destes tempos de paz,
Não encontro prazer em ver o tempo passar,
A menos que seja para olhar a minha própria sombra ao sol de um corpo tão deformado.
Portanto, uma vez que não posso e nem sei agir como amante
Para me ocupar com as alegrias e as festas destes dias,
Estou decidido a agir como um canalha ("Villain") e a detestar os amores e prazeres fáceis dos dias de hoje.
Farei planos terríveis, perigosas intrigas, falsas profecias,
E acusações mentirosas e sonhos
Para colocar o meu irmão Clarence e o Rei um contra o outro, em ódio mortal.
Assim, se o Rei Eduardo for leal e justo
Na mesma proporção em que sou
Sutil, falso e traiçoeiro
Hoje mesmo Clarence deverá ser preso e muito bem vigiado por conta de uma profecia
Que diz que os herdeiros do Rei Eduardo serão assassinados por Clarence.
Mergulhem tais pensamentos meus
Para o fundo da minha alma.

Observação:

A tragédia se passa ao final da denominada Guerras das Rosas que foi um conflito pelo Trono da Inglaterra entre as famílias York e Lancaster durante 30 anos (1455-1485) e na ocasião o Rei da Inglaterra era Eduardo IV, da família York, porém o seu irmão Ricardo (que era Duque de Gloucester) prepara um longo plano para a usurpação do Trono através de intrigas, de assassinatos de aliados, de amigos, de parentes (o seu irmão o Duque de Clarence, os seus sobrinhos que eram os príncipes ainda crianças, etc. A explicação de tal maldade humana está aliada ao seu complexo de inferioridade por sua feiura e deformidade física e entendemos que é uma tese que se ajusta à doutrina da Psicologia Individual de Adler (discípulo de Freud que se afastou ou divergiu do mestre à exemplo também de Jung) elaborada no século 19. Tal complexo de inferioridade em nossa compreensão pode ser compensado pela arte como em Beethoven que compôs a sua obra prima que é a "Nona Sinfonia", com o coral de seu final "A ode à alegria" quando estava inteiramente surdo, com Michelangelo que compensou a sua grande feiura (conforme os seus contemporâneos) com a beleza da sua genial escultura ("A piedade", "Davi", etc.) ou de sua pintura ("O juízo final da Capela Sistina"), na igreja de São Pedro em Roma, o nosso "Aleijadinho" em Minas Gerais com a sua maravilhosa arte sacra na talha dourada e na pedra sabão em Minas Gerais (os Profetas de Congonhas do Campo, os altares das igrejas barrocas de Minas Gerais, etc. obras primas que surgiram quando estava gravemente atingido pela deformidade devido a doença degenerativa etc. Ou, então, ainda em nossa interpretação a compensação pode surgir através da prática de crime, de ações hediondas como estão expostas ou projetadas no referido monólogo da tragédia Ricardo III.

Historicamente, tendo sido Rei da Inglaterra por dois anos (1483-1485), após ter conseguido o trono pelos crimes praticados, Ricardo III foi derrotado e morto na batalha Bosworth, ficando famosa a sua frase: "Meu reino por um cavalo" ao encontrar-se a pé no campo de batalha.

O MONÓLOGO INICIAL DA TRAGÉDIA RICARDO III (1592-1593) DE WILLIAM SHAKESPEARE (1564-1616)

TRADUÇÃO LIVRE DE ROQUE DE BRITO ALVES

(A feiura e deformidade física aliadas à maldade humana em sua expressão máxima, o complexo de inferioridade causador ou como explicação de seus crimes hediondos)

Eu que não fui feito para as proezas dos prazeres e das alegrias,
E nem fui feito para cortejar espelho de olhar amoroso;
Eu que sou de um físico rude e sou aquele
A quem falta a grandeza do amor
Para me enfeitar diante de uma mulher de andar lúbrico;
Eu que fui deserdado de belas proporções,
Roubado de uma melhor forma exterior por uma natureza ingrata,
Foi com aleijões e inacabado que nasci antes do tempo,
Que me puseram neste mundo mal-e-mal pela metade,
E esta metade é tão incompleta, disforme e tão horrenda
Que até os cachorros latem para mim quando eu passo por eles.
Ora, eu na calma destes tempos de paz,
Não encontro prazer em ver o tempo passar,
A menos que seja para olhar a minha própria sombra ao sol de um corpo tão deformado.
Portanto, uma vez que não posso e nem sei agir como amante
Para me ocupar com as alegrias e as festas destes dias,
Estou decidido a agir como um canalha ("Villain") e a detestar os amores e prazeres fáceis dos dias de hoje.
Farei planos terríveis, perigosas intrigas, falsas profecias,
E acusações mentirosas e sonhos
Para colocar o meu irmão Clarence e o Rei um contra o outro, em ódio mortal.
Assim, se o Rei Eduardo for leal e justo
Na mesma proporção em que sou
Sutil, falso e traiçoeiro
Hoje mesmo Clarence deverá ser preso e muito bem vigiado por conta de uma profecia
Que diz que os herdeiros do Rei Eduardo serão assassinados por Clarence.
Mergulhem tais pensamentos meus
Para o fundo da minha alma.

Observação:

A tragédia se passa ao final da denominada Guerras das Rosas que foi um conflito pelo Trono da Inglaterra entre as famílias York e Lancaster durante 30 anos (1455-1485) e na ocasião o Rei da Inglaterra era Eduardo IV, da família York, porém o seu irmão Ricardo (que era Duque de Gloucester) prepara um longo plano para a usurpação do Trono através de intrigas, de assassinatos de aliados, de amigos, de parentes (o seu irmão o Duque de Clarence, os seus sobrinhos que eram os príncipes ainda crianças, etc. A explicação de tal maldade humana está aliada ao seu complexo de inferioridade por sua feiura e deformidade física e entendemos que é uma tese que se ajusta à doutrina da Psicologia Individual de Adler (discípulo de Freud que se afastou ou divergiu do mestre à exemplo também de Jung) elaborada no século 19. Tal complexo de inferioridade em nossa compreensão pode ser compensado pela arte como em Beethoven que compôs a sua obra prima que é a "Nona Sinfonia", com o coral de seu final "A ode à alegria" quando estava inteiramente surdo, com Michelangelo que compensou a sua grande feiura (conforme os seus contemporâneos) com a beleza da sua genial escultura ("A piedade", "Davi", etc.) ou de sua pintura ("O juízo final da Capela Sistina"), na igreja de São Pedro em Roma, o nosso "Alejandrinho" em Minas Gerais com a sua maravilhosa arte sacra na talha dourada e na pedra sabão em Minas Gerais (os Profetas de Congonhas do Campo, os altares das igrejas barrocas de Minas Gerais, etc. obras primas que surgiram quando estava gravemente atingido pela deformidade devido a doença degenerativa etc. Ou, então, ainda em nossa interpretação a compensação pode surgir através da prática de crime, de ações hediondas como estão expostas ou projetadas no referido monólogo da tragédia Ricardo III.

Historicamente, tendo sido Rei da Inglaterra por dois anos (1483-1485), após ter conseguido o trono pelos crimes praticados, Ricardo III foi derrotado e morto na batalha Bosworth, ficando famosa a sua frase: "Meu reino por um cavalo" ao encontrar-se a pé no campo de batalha.